

O ideal Caeiro

Pedro Sepúlveda

Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Analisando uma tese menos discutida de Eduardo Lourenço, em *Pessoa Revisitado*, a respeito do contraste entre a *função ideal* do *mestre* Caeiro e a sua *realidade poética*, o artigo foca o tratamento deste contraste ao longo da tradição crítica. O diagnóstico de Lourenço de um equívoco por parte da crítica revela-se produtivo para marcar as diferenças entre as leituras, ajudando também a entender a importância do contraste, previsto e explicitado nos próprios textos pessoanos, na concepção da obra e da figura de Alberto Caeiro.

Palavras-chave:

Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Eduardo Lourenço, Crítica, José Augusto Seabra

Abstract

By analyzing a less discussed thesis of Eduardo Lourenço in *Pessoa Revisitado* regarding the contrast between the *ideal function* of *master* Caeiro and his *poetic reality*, this article focuses on the treatment of this contrast throughout the critical reception. Lourenço's diagnosis of a misconception by critics is productive in order to point out the differences between the readings, also helping to understand the importance of the contrast, which was already made explicit in Pessoa's texts regarding the conception of the work and figure of Alberto Caeiro.

Keywords:

Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Eduardo Lourenço, Criticism, José Augusto Seabra

I. O diagnóstico de um equívoco

Na revisão proposta por Eduardo Lourenço, em *Pessoa Revisitado*, da fortuna crítica da obra de Pessoa, as atenções recaem principalmente sobre o seu diagnóstico inicial, apresentado enquanto tese sobre essa mesma fortuna crítica, de uma *redução da estranheza* de Pessoa, em particular do fenómeno da heteronímia, por parte dos seus principais críticos (cf. Lourenço, 2003: 25-28). Mais frequentemente esquecida é aquela que Lourenço apresenta como uma segunda tese a respeito dessa tradição, relacionada com a figura de Alberto Caeiro.

No início do segundo capítulo, dedicado à “curiosa singularidade de “mestre Caeiro”, Lourenço ressalva o tratamento “cuidado e à parte” que Caeiro desde cedo recebeu da crítica, que lhe conferiu “atenções privilegiadas”, tendo esta, no entanto, operado o que designa por “uma osmose fatal entre *o que ele diz* e o que ele *é*” (38). Esta osmose acontece, em seu entender, em “quarenta anos de exegese equivocada”, desde o primeiro ensaio dedicado a Caeiro, por Guilherme de Castilho, no número da *Presença* dedicado a Pessoa, em 1936, à análise de José Augusto Seabra, referindo-se Lourenço a um artigo de Seabra ligeiramente anterior à publicação do seu livro “Fernando Pessoa ou o Poetodrama”, em 1974, artigo esse publicado em 1972, sob o título “Alberto Caeiro ou le degré zero de poésie”.

Decisiva é aqui a distinção proposta por Lourenço entre “a função ideal” que Pessoa atribui a Caeiro, “em particular no célebre “retrato” de Campos”, e a sua “realidade poética” (*idem*). O crítico encontra na leitura de Seabra a novidade da apresentação de uma certa “coerência interna” da poesia de Caeiro, sem procurar “fazer o seu ‘processo’”, ou seja, sem um tom pejorativo ou punitivo na leitura. “Grau zero de poesia” significaria, como defende Seabra no seu livro – em que surge reproduzido, praticamente sem alterações, o texto do artigo acima referido, em versão portuguesa – uma “redução [do discurso poético] a uma pura função denotativa ou referencial”, (154). Ora, como Lourenço defende, a poesia de Caeiro expressa uma “vontade de “poesia grau zero” ou melhor ainda, de qualquer coisa anterior à própria distinção entre poesia e prosa”, ou seja, “vontade de *não-poesia*”, expressão que Lourenço retira de Seabra. Mas o que Caeiro *diz* é, segundo Lourenço, diferente do que ele *é*.

Em suma, vontade de *não-poesia*, como J. A. Seabra o sublinha com pertinência. Mas o que é, do que vive em cada poema é da *distância* (infinita) que separa consciência e mundo, olhar e coisa

vista. Caeiro nasce para a anular, mas é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irónica e gravemente se articula. (39)

A esta tese a respeito de Caeiro o crítico associa uma segunda, a de que Alberto Caeiro, pensado enquanto ideal, é a “resposta e solução, fim e conclusão (precária mas idealmente perfeita) de um conflito – ou de o conflito – inerente à totalidade da consciência poética antes da misteriosa deflagração criadora de Caeiro.” (40). Lourenço retoma aqui uma ideia de génese, introduzida no início do livro, de um desenvolvimento da obra antes e após Março de 1914, que “conduz dos *textos-Pessoa* anteriores à criação heteronímica aos *textos heteronímicos*” (34).

Lourenço encontra na criação de Caeiro, Reis e Campos, em 1914, um momento de rotura entre uma suposta totalidade da consciência poética anterior e uma fragmentação da mesma. Esta posição de *Pessoa Revisitado* será, no entanto, revista pelo próprio, em textos posteriores à publicação da primeira edição do *Livro do Desassossego*, em 1982. O *Livro do Desassossego* é apelidado então por Lourenço como “texto suicida”, por aí se revelar o “suicídio” da “*mitologia heteronímica*” (Lourenço, 2008: 123). O *Livro*, apresentando numa mesma obra uma pluralidade de registos de escrita, viria mostrar que “o sentido do afloramento textual heteronímico” é não tanto o de uma rotura quanto o de uma “exasperação *espectacular*, mas em si mesma superficial, de um heteronimismo mais profundo” (130). Neste sentido, e confirmando intuições da crítica mais recente, o fenómeno da criação de Caeiro, Reis e Campos pode ser visto como uma modulação particular, e particularmente relevante, da capacidade do autor para escrever em diferentes registos, sob diversas perspetivas e relacionando-as com a psicologia de figuras autorais às quais atribui uma substância ficcional.

É curioso ter sido uma novidade editorial, que resulta num novo conhecimento filológico, que conduz a uma revisão de Lourenço da sua proposta crítica, que poderia também ter sido induzida pela revelação, que acontecerá principalmente a partir dos anos 90, das diferentes *personae* criadas por Pessoa, antes e depois das três figuras heterónimas. Como a crítica e a filologia entretanto reconheceram, Pessoa cria permanentemente, desde muito cedo, figuras autorais, às quais atribui obras, procurando definir um sentido de conjunto das mesmas. A importância de analisar o desenvolvimento cronológico da obra, assinalado por Lourenço e desenvolvido nomeadamente nas suas leituras da poesia de Alexander Search, retira precisamente ao fenómeno que em 1928 é designado, na famosa *Tábua Bibliográfica (Presença, n.º 17)*, pelo adjetivo *heterónimo*, a sua excecionalidade no contexto da obra. Caeiro, Reis e Campos são decerto

modulações muito relevantes de uma obra cujos propósitos conceptuais virão a ser reformulados apenas em 1928, com a primeira introdução dos conceitos de *ortónimo* e *heterónimo*, pensados enquanto adjetivos que designam tipos de obra. Estes conceitos vêm, no entanto, redefinir algo que parece ser fundamental enquanto processo poético e editorial em Pessoa, não introduzindo uma rotura ou mudança radical (cf. a este respeito Sepúlveda 2013 e 2017: 67-68).

É em Caeiro que Lourenço encontra a “cura fulgurante” para o “*abismo* que separa consciência e realidade, abismo que vive como insuportável ausência de si a si mesmo e de si mesmo ao mundo.”, que segundo o crítico é tópico determinante da poesia de Pessoa (Lourenço, 2003: 40). Independentemente do carácter de exceção da criação das figuras heterónimas ser posteriormente revisto pelo próprio, Lourenço encontra em Caeiro a criação pessoana de um ideal inalcançável, que caracteriza a sua posição de *mestre* dos outros, incluindo do próprio Pessoa. Esse ideal colide, sob modos diversos, com a realidade da poesia assinada em seu nome. Trata-se de uma ideia decisiva a respeito de Caeiro e que irá ter importantes repercussões em leituras posteriores. Poderíamos formular esta ideia em termos porventura mais genéricos, retirando-lhe a dimensão genética e existencial, como a de uma tensão constitutiva da obra entre o ideal formulado e a sua falha. Esta falha é inclusivamente objeto de tratamento nos textos, surgindo expressa, de forma clara e assertiva, não só na poesia caeiriana como em comentários à mesma, de autoria de Pessoa, Campos ou Reis.

Num pequeno trecho sem título e sem atribuição explícita, a figura de um crítico de língua inglesa (que pode ser ou não Thomas Crosse) foca precisamente o problema das contradições em Caeiro, que aconteceriam a três níveis: do seu pensamento, dos seus sentimentos e da sua poética. De forma inequívoca, este trecho defende que Caeiro, enquanto autor dos poemas, é plenamente consciente destas contradições e deixa “avisos prévios” aos seus críticos:

He has contradictions very slight, but he is conscious of all of them and has forewarned his critics. His contradictions are of three kinds: (1) in his thought, (2) in his feeling, (3) in his poetical manner. (Pessoa, 2016: 275)

Um exemplo contundente tanto deste tipo de procedimento, de “aviso prévio”, como de desvios ou contradições face a um universo de sentido (do ponto de vista do pensamento, dos sentimentos e da poética) são os poemas XVI a XIX do *Guardador*, antecidos pelo poema XV, em forma de aviso.

As quatro ^{duas} canções que seguem
 Separam-se de tudo o que eu penso,
 Mentem a tudo o que eu sinto,
 São do contrario do que eu sou...

Escrevi-as estando doente
 [...]

 Estando doente devo pensar o contrario
 Do que penso quando estou são
 (Senão não estaria doente)

(BNP 145-17^r e 18^r; Pessoa, 2016: 49-50)

Na transcrição deste poema deve ser privilegiada a primeira variante do primeiro verso, “quatro” em lugar de “duas”, já que a referência aos quatro poemas seguintes é, do ponto de vista dos desvios ao sentido, pensamento e poética caeirianos, absolutamente determinante. Este poema funciona como o tal “aviso prévio” de que fala o comentador inglês, indicando ainda que os desvios ou as contradições que se seguem são de três tipos: ao nível do pensamento (“Separam-se de tudo o que eu penso”), do sentimento (“Mentem a tudo o que eu sinto”) e da identidade (“São do contrario do que eu sou...”). Esta identidade de Caeiro pode ser entendida, seguindo a ideia romântica, que Pessoa aceita no âmbito da conceção das obras heterónimas (cf. nomeadamente “Aspectos”; Pessoa, 2010: 446-451), de que a poesia é expressão da psicologia do seu autor, enquanto identidade poética, pelo que teríamos precisamente os três níveis da contradição defendidos pelo crítico inglês. A noção de uma “doença”, que se manifesta enquanto o oposto da saúde, é aqui marcante, podendo o problema ser analisado a partir de um desvio físico da própria figura de Caeiro relativamente a uma constituição saudável.

Outros textos relevantes sobre esta matéria, como assinala Lourenço e que não serão aqui analisados em detalhe, são os comentários à obra de Caeiro em língua portuguesa, atribuídos, por vezes, a Reis, Mora e Campos. Referindo apenas uma das ideias aí marcantes, Caeiro é amiúde visto como uma figura em desenvolvimento, habitualmente descrita como lúcida a princípio e confusa no final, sendo “O Pastor Amoroso” e os “Poemas Inconjuntos” frequentemente

associados a um período de doença, que conduzirá à morte do poeta Caeiro⁵. Esta análise pode ser, no entanto, contrastada com a ideia de que a doença (o desvio, a contradição) já se encontrava, desde início, presente na criação poética sob o nome Caeiro, como comprovam os poemas XV-XIX do *Guardador*.

A leitura de Lourenço acolhe a noção de que Pessoa tinha consciência desta falta de coincidência entre o ideal Caeiro e o sentido da sua poesia. Esta consciência é justificada por Lourenço a partir de uma ideia, segundo ele nuclear da poética e da heteronímia de Pessoa, de uma ausência de correspondência entre o sujeito e o mundo, que designa por “consciência da ausência dessa Totalidade” (Lourenço 2003: 40), totalidade esta entendida enquanto plenitude do sentido e da relação do sujeito com o mundo. A consciência desta ausência por parte de Pessoa implicaria a noção de uma impossibilidade de aceitar a doutrina de Caeiro enquanto passível de ser incorporada e implementada sem desvios. Mas será que a crítica, a começar por José Augusto Seabra, cuja leitura é objeto de análise em *Pessoa Revisitado*, não reconheceu a persistência desta dualidade ou de uma tensão entre o que poderíamos designar como o *ideal Caeiro* e a sua *realidade poética*?

II. O ideal Caeiro e a crítica

Apesar de encontrar uma certa unidade na poesia de Caeiro, Seabra reflete sobre o que designa por “as suas falhas”, que considera estarem previstas na própria obra: “Caeiro, previra, no entanto, estas falhas no seu sistema poético [...] manifesta abertamente as suas próprias contradições [...] em quatro das suas canções, exprimindo impressões inteiramente subjetivas.” (Seabra, 1988: 144). Conclui, assim, que a obra caeiriana é apenas “tendencialmente” poesia de *gran zero*, já que os elementos “conotativos e retóricos” não desaparecem, surgem apenas “dissimulados” (154). É uma surpresa constatar que a maior parte dos críticos, desde muito cedo,

⁵ Veja-se designadamente, entre outras, a seguinte passagem, atribuída a Reis: «Refiro-me ao caminho seguido pela inspiração de Caeiro, a partir do fim de *O Guardador de Rebanhos* – isto é, a contar dos dois pequenos poemas *O Pastor Amoroso* até ao fim. O cérebro do poeta torna-se confuso, a sua philosophia se entaramela, os seus principios soffrem a derrota que, na indisciplina da alma, representa em espirito o que seja a victoria ignobil de uma revolução de escravos. O leitor que tenha seguido a curva ascensional de *O Guardador de Rebanhos* verá, passado esse conjuncto de poemas, como a inspiração se deteriora e se confunde. Não se desvia, propriamente: senão que soffre a intrusão de elementos estranhos a ella. Que o amigo desculpe o critico, quando elle se vê forçado a affirmar que o poeta morreu a tempo.» (Pessoa, 2016: 247; cf. a análise de outras passagens em Sepúlveda, 2013: 302-317).

notam afinal este problema de uma contradição inerente à figura de Caeiro, explicitamente referido tanto na poesia como nos textos dos discípulos.

Algumas exceções a esta unanimidade da crítica no reconhecimento do problema, ainda que o façam de formas muito diversas, são Guilherme de Castilho, que publica no número da presença dedicado a Pessoa, em Julho de 1936 – altura em que apenas eram conhecidos os poemas de Caeiro publicados em vida de Pessoa – o primeiro ensaio inteiramente dedicado à poesia de Caeiro, sob o título “Alberto Caeiro, Ensaio de compreensão poética”. Trata-se de um ensaio que procura explicitar a doutrina de Caeiro, não estando preocupado com possíveis inconsistências dessa mesma doutrina, pois, como refere em conclusão, “esbocei [...] todas as posições quer explícitas quer implícitas na sua obra que documentam a sua atitude fundamental perante a vida [...] reservando para objeto de um futuro estudo a crítica valorativa e judicativa da obra de Alberto Caeiro” (Castilho, 1936: 16). Mário Sacramento, em *O poeta da hora absurda* (1959), prefere focar a artificialidade e a insensibilidade social de Caeiro, em lugar de se referir às suas incoerências. A ausência de uma referência parece aí justificar-se, tal como no caso de Guilherme de Castilho, a partir do foco adotado.

Gaspar Simões trata a figura e a poesia de Caeiro do ponto de vista da sua sinceridade “desumanizada”, porque não relacionada com a vida e a biografia reais do poeta Pessoa (Simões, 1981: 283). É a partir deste diagnóstico que analisa o que designa por uma “complexidade emocional” nos “Poemas Inconjuntos” “que não existia de modo algum no Alberto Caeiro de 1914” (289). Segundo Simões “a simulação de 14 vai cedendo à sinceridade da genuína poesia de Fernando Pessoa” (291). Simões reconhece, sob o signo da complexidade emocional, uma certa dualidade entre o que seria o Caeiro simulado e o Caeiro sincero ou genuíno, associando este último a uma fase tardia da sua poesia.

Para Jacinto do Prado Coelho há “dois Caeiros, o poeta e o pensador, sendo o primeiro que em teoria se desdobra no segundo” (Coelho, 1980: 23), no entanto “Caeiro vacila, não tem aquela inteireza de vidente e apóstolo, porta-voz de uma doutrina de felicidade, que as “Notas” de Campos levam a crer. As contradições [...] é certo que tornam mais humana e dramática a sua poesia.” (30). Agostinho da Silva, cujo trabalho pretende não só marcar a unidade da poesia e do pensamento de Pessoa, mas tratar as suas personagens heteronímicas como figuras reais de poetas, não só encontra também o mesmo tipo de tensões ou fragilidades em Caeiro, como as resume de um modo sucinto e esclarecedor, entendendo o problema como um contraste entre o Caeiro “artista” e “profeta” e o seu lado humano, de “homem” e “pensador”.

E, num mundo de pensadores, logo os metafísicos viriam com o argumento, já não falando de contradições, de que toda a filosofia de Caieiro peca pela base: pensar que não se deve pensar é tão pensar como pensar que se deve pensar; [...] A doutrina de Caieiro é tão frágil como a sua saúde: ambas estão ameaçadas por infecções, o raciocínio e a tuberculose, que sendo infecções são fenómenos da vida e têm de ser explicados na vida, mesmo para serem destruídos. O destino do poeta foi o de morrer como homem e como pensador, embora sobreviva como artista e como profeta. (Silva, 1988: 62-63)

Também Eduardo Lourenço sublinha, em particular num texto do seu espólio recentemente publicado, a importância da morte de Caieiro, tecendo um paralelo com a figura do pai de Pessoa, que morreu cedo e de tuberculose, tal como Caieiro, mas sublinhando principalmente a importância da morte na projeção de uma figura mítica, ausente e por isso mais facilmente idealizada ou mitificada: “Caieiro é a mitificação, a concreção suprema da sua vontade e necessidade de *ser* e se sentir *invulnerável* como uma pedra ou uma flor, em suma, de escapar à sua condição *humana*, perecível e, por isso, essencialmente *inexistente*.” (Lourenço, 2009: 337). Em que medida então é que a proposta de Lourenço implica um corte, vindo corrigir, como o mesmo pretende, “quarenta anos de exegese equivocada”? Certo é que grande parte da crítica, anterior ou posterior a *Pessoa Revisitado*, reconhece um problema de dualidade, tensão ou inconsistência em Caieiro, seja na sua poesia ou na prosa que o tem como objeto. O que distingue os críticos é a valoração, por um lado, do problema, e o seu enquadramento teórico, por outro.

Do ponto de vista da valoração do problema, as leituras de Gaspar Simões e Prado Coelho não evitam, como Lourenço diagnostica a respeito das mesmas na sua globalidade, uma certa “coloração pejorativa” (Lourenço, 2003: 26). Ambas as leituras encontram nas inconsistências de Caieiro a marca de uma falha, seja enquanto simulação falhada, revelando-se afinal nessas contradições uma maior sinceridade da poesia, como pretende Simões, ou enquanto falha no seu papel de vidente e apóstolo, como defende Prado Coelho, ainda que daqui possa resultar uma maior humanidade da sua figura. Comum a ambos os críticos é a ideia de que o autor não introduz estas falhas na poesia caeiriana de forma consciente, elas são afinal sinais de que um certo artifício poético não foi plenamente conseguido. Pelo contrário, tanto Agostinho da Silva como Augusto Seabra reconhecem estas inconsistências de Caieiro como parte do seu programa poético, constituintes da substância da sua figura, pelo que estas seriam necessariamente deliberadas da parte do seu criador. Tal como Prado Coelho, Silva e Seabra

associam as contradições ao lado mais humano ou subjetivo de Caeiro, que contrasta com a sua dimensão divina, enquanto *mestre* que representa uma verdade que o transcende. O Caeiro ideal seria esta figura mítica, divina, que o seu autor contrasta deliberadamente, ao nível da poesia e dos comentários críticos, com o seu lado humano. Este é, sem dúvida, um dos aspetos mais relevantes e estimulantes da poesia de Caeiro.

Mas o que é que distingue afinal a leitura de Lourenço das de Silva e Seabra? A principal diferença encontra-se no enquadramento teórico que o crítico confere a este problema. Lourenço apresenta uma justificação de tipo ontológico para a persistência destas inconsistências na poesia de Caeiro, que até então não tinha sido proposta e terá repercussões importantes em leituras posteriores. O universo de Caeiro apresenta, em seu entender, estas inconsistências porque a sua dimensão mítica, divina, contrasta com o reconhecimento, por parte do criador, do citado “*abismo* que separa consciência e realidade” (Lourenço, 2003: 40). Caeiro “nasce” para “anular” esse abismo ou essa “distância”, no entanto “é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irónica e gravemente se articula” (39). Esta justificação da inconsistência permite ao crítico apontar para uma dualidade em Caeiro de uma forma mais fortemente marcada do que a crítica até aqui tinha proposto, situando-a ao nível existencial e permitindo-lhe distinguir entre o que Caeiro *disse* e o que ele *é* (cf. 38).

Esta explicação ontológica do fenómeno Caeiro irá influenciar fortemente leituras posteriores, principalmente aquelas que encontram na filosofia e na psicanálise fundamentos interpretativos, como fazem Leyla Perrone-Moisés ou José Gil. No sentido de justificar a inadequação entre o que Caeiro propõe e o que ele afinal *é*, a sua verdadeira essência, torna-se necessário recorrer à ideia de uma forte dualidade, da existência de dois Caeiros.

No entender de José Gil, trata-se de entender a diferença entre um Caeiro “visível ao nível da escrita, sujeito do enunciado” e “outro, invisível, para quem reenvia constantemente o enunciado”, que seria no seu entender o “Caeiro-real”.

Mais precisamente, existem dois Caeiros, um, visível ao nível da escrita, sujeito do enunciado, e outro, invisível, para quem reenvia constantemente o enunciado, os versos: O Caeiro-real-ao-sol, que sabe ver e sentir a Natureza que está na origem da enunciação. Ora é este o sujeito de toda a heteronímia realizada. É ele o ponto de fuga de todos os devir-outros do processo heteronímico, sujeito-autor de todos os heterónimos, sujeito da escrita de toda a obra de Pessoa. (Gil, 1993: 23)

Para José Gil, este “Caieiro-real” seria apenas “virtual” na medida em que esta é “a única maneira que tem a *escrita* de o designar”. O filósofo entende esta realidade de Caieiro enquanto a de um “sujeito-autor de todos os heterónimos, sujeito da escrita de toda a obra de Pessoa”, que estaria por isso mesmo “*fora da escrita*” (*idem*). A escrita é, no entender de Gil, uma mediação em que algo se perde, e é por isso que este *Caieiro-real* é apenas *virtual* ao nível da linguagem.

Segundo Leyla Perrone-Moisés, encontra-se em Caieiro uma “tensão entre uma teoria e uma prática” (Perrone-Moisés, 2001: 185), defendendo, no âmbito da sua aproximação entre Caieiro, o Budismo Zen e a poesia japonesa, que “o que impede Caieiro de escrever apenas haicais é o que impede o poeta Caieiro de coincidir plenamente com o Mestre Caieiro” (197). Perrone-Moisés cita as passagens de Lourenço a respeito da dualidade de Caieiro, concordando com a sua análise (cf. 198-199) e concluindo que “Caieiro é um caminho de saúde com várias recaídas”, uma “cura sonhada”. Sublinhando a consciência do autor a respeito deste problema, afirma que “Pessoa faz, da própria doença, a ocasião para uma lição de saúde” (200).

A questão da consciência de Pessoa a este respeito é decisiva. A genialidade da poesia de Caieiro reside na sua capacidade de integrar ambas as dimensões, a de um ideal divino e a de uma figura humana, frágil, doente, incapaz de corresponder plenamente a esse ideal, e cuja incapacidade é tema constante da sua poesia e também dos textos que a acompanham. Não se trata de ver as contradições como um problema a ser ultrapassado, uma inconsistência que a crítica teria de lamentar ou apontar como falha, sendo que tal função é já exercida pelos textos de comentário de Pessoa e discípulos, que funcionam como o referido “aviso prévio”. Também não se trata de ver nestas inconsistências algum tipo de desconstrução involuntária ou inconsciente da figura de Caieiro.

Neste caso, uma típica leitura desconstrucionista não conseguiria dar conta do problema, já que apontaria falhas que contradizem um dado sistema, a doutrina apresentada e defendida pelo autor, e que escapariam à sua mão. Pessoa previu simultaneamente o logro e o malogro da doutrina, sendo o malogro parte integrante dessa mesma doutrina e o oposto necessário para a compreender⁶. De resto, a crítica mais recente parece ser unânime no tratamento desta questão como proposta deliberada, inerente à posição da figura de Caieiro no conjunto constituído pela criação heteronímica, de um modo que é devedor das intuições de alguns dos seus primeiros críticos, assim como da leitura de Lourenço, mas que não torna porventura necessária uma

⁶ Naturalmente, um outro tipo de leitura desconstrucionista, que parta da ideia de que o próprio texto apresenta uma desconstrução deliberada dos seus propósitos, pode ser relevante neste caso.

separação tão radical entre dois Caeiros, vendo a incoerência como aspeto fundamental da própria figura, constituída entre o ideal e a sua realidade humana.

António Feijó reconhece este problema relacionando-o com a polémica criada por Pessoa entre os diferentes discípulos, Reis, Campos e Mora (“Tal como muitas vezes acontece neste tipo de polémica implícita, Pessoa apropria uma característica da figura contra a qual se insurge, corrigindo-a pragmaticamente.”, Feijó, 2015: 49). Da perspectiva de uma análise do sistema poético pessoano que Feijó propõe realizar, a sua posição situa-se na linha de uma defesa da consciência criadora de Pessoa a respeito do problema das inconsistências das figuras heterónimas.

Fernando Cabral Martins segue a ideia de que Caeiro nem sempre corresponde ao ideal proposto, focando o contraste entre a figura do Mestre e as suas fragilidades humanas (“É um ser ideal que se manifesta conforme pode. Nem poderia ser Mestre de outro modo, ele que tem todas as variações, doenças e complexidades que referimos.”, Martins, 2001: 279). Aproximando-se da definição tripartida proposta na passagem acima citada de comentário crítico em inglês sobre as contradições da poesia caeiriana, Caio Gagliardi descreve a existência de três Caeiros distintos: 1. a “personagem heteronímica”, “figura fictícia composta por um conjunto restrito de hábitos”, 2. a personificação de “um ideal de felicidade” e 3. o Caeiro “da escrita” (Gagliardi, 2013: 17). A este propósito conclui: “O ponto crítico situado entre o ser e o querer ser constitui, como traço próprio, o lugar de atuação dessa escrita.” (22).

Richard Zenith assinala também a consciência de Pessoa a respeito das contradições inerentes à poesia e figura de Caeiro, colocando, à semelhança de Gaspar Simões, um acento na importância da evolução da poesia caeiriana. Zenith sublinha, no entanto, por oposição a Simões e também às análises de Reis e Mora, que o problema da doença já se encontra presente muito cedo, tanto em termos cronológicos, de escrita, como ao nível da ordenação da obra. Como Zenith defende, este encontra-se presente desde logo nas famosas canções do *Guardador* escritas enquanto estava doente, por contraponto à ideia corrente de que o Caeiro doente seria o Caeiro tardio. O crítico relaciona estas “primeiras” canções com a possibilidade de “a figura e a psicologia do guardador” não estarem ainda “perfeitamente definidas”.

Não é por acaso que as canções escritas quando estava “doente” (*Guardador* XVI-XIX) figuram entre as primeiras (cronologicamente falando), quando a figura e a psicologia do guardador ainda não estavam perfeitamente definidas. O sintoma de doença nos poemas XVI e XVIII manifesta-

se no ansioso “Quem me dera” dos dois *incipits*, pois Caieiro quando de saúde contenta-se com as coisas como são (“Não tenho ambições nem desejos” diz ele no poema que abre o seu livro). (Zenith, 2001: 245-246)

Este acento na gênese da figura e no seu desenvolvimento cronológico é relevante para a adequada compreensão do problema, permitindo um foco não numa suposta rotura mas num desenvolvimento progressivo, mutável e pontualmente significativo da poesia e respetiva figura. É certo que, tal como defendem Reis e Mora, é em “O Pastor Amoroso” e “Poemas Inconjuntos”, todos eles poemas posteriores a “O Guardador de Rebanhos”, que se encontram principalmente os desvios à doutrina caeiriana. Por outro lado, se entendermos a doença como essencial à formação de Caieiro, então ela está sempre presente, manifestando-se em maior ou menor grau. Independentemente da fase da sua poesia e da sua existência enquanto figura, este contraste entre saúde e doença, entre o Caieiro ideal e a impossibilidade de correspondência plena a esse ideal, é necessário desde o começo.

Referências

- CASTILHO, Guilherme de (1936) “Alberto Caieiro, Ensaio de compreensão poética”, *Revista Presença*, n.º 48, Jul. 1936: 13-16.
- COELHO, Jacinto do Prado (1980) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 6.ª ed., Lisboa, Verbo [1949].
- FEIJÓ, António M. (2015) *Uma admiração pastoril pelo diabo (Pessoa e Pascoaes)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- GAGLIARDI, Caio (2013) “Apresentação”, in Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caieiro*, São Paulo, Hedra, disponível em <http://estudospessoanos.fflch.usp.br/biblioteca> [consultado em Setembro de 2018].
- GIL, José (1993) *O Espaço Interior*, Lisboa, Editorial Presença.
- LOURENÇO, Eduardo (2003) *Pessoa Revisitado, Leitura estruturante do drama em gente*, 3.ª ed, Lisboa, Gradiva [1973].
- (2008) *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*, Lisboa, Gradiva [1986].
- (2009) “Alberto Caieiro, o Mestre ou a sombra do pai”, *Revista Colóquio / Letras*, n.º 171, Maio 2009: 335-339.
- MARTINS, Fernando Cabral (2001) “A Noção das Coisas”, in Fernando Pessoa, *Alberto Caieiro, Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 267-293.

- MONTEIRO, Adolfo Casais (1985) *A Poesia de Fernando Pessoa*, ed. José Blanco, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1958].
- PESSOA, Fernando (2010) *Livro do Desasociego*, tomos I e II, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2016) *Obra Completa de Alberto Caeiro*, ed. Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, Lisboa, Tinta-da-China
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (2001) *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*, 3.^a ed, São Paulo, Martins Fontes [1982].
- SACRAMENTO, Mário (1959) *Fernando Pessoa, Poeta da hora absurda*, Lisboa, Contraponto.
- SEABRA, José Augusto (1988) *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1974].
- SEPÚLVEDA, Pedro (2013) *Os livros de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática
- (2017) “A redução crítica da heteronímia”, *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 4, eds. Caio Gagliardi & Flávio Rodrigo Penteadó, FCSH da Universidade Nova de Lisboa: 63-76, disponível em <http://estranharpessoa.com/revista/> [consultado em Setembro de 2018].
- SIMÕES, João Gaspar (1981) *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Livraria Bertrand [1954].
- SILVA, Agostinho da (1988) *Um Fernando Pessoa*, Lisboa, Guimarães Editores [1959].
- ZENITH, Richard (2001) “Caeiro Triunfal”, in Fernando Pessoa, *Alberto Caeiro, Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 226-266.